



INTERCÂMBIOS CULTURAIS NO AMBIENTE EDUCATIVO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA IMIGRANTE NAS ESCOLAS MUNICIPAIS

CULTURAL EXCHANGES IN THE EDUCATIONAL ENVIRONMENT: THE CONSTRUCTION OF THE IDENTITY OF IMMIGRANT CHILDREN IN MUNICIPAL SCHOOLS

INTERCAMBIOS CULTURALES EN EL ÁMBITO EDUCATIVO: LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD DE LOS NIÑOS INMIGRANTES EN LAS ESCUELAS MUNICIPALES

 10.56238/bocav25n76-003

Elizangela Mattozo

Mestre em Educação. PPG em Educação

Instituição: Universidade estadual do Centro Oeste (UNICENTRO)

E-mail: elizangelamattozo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6871822840161541>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2037-974X>

Poliana Fabíula Cardozo

Doutora em Geografia

Instituição: Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Docente permanente no PPG em Educação da UNICENTRO

E-mail: polianacardozo@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1834607520455691>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5876-1302>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a construção da identidade cultural em contextos migratórios, com especial atenção às experiências vividas por imigrantes e, de modo particular, por crianças imigrantes no espaço escolar. As crianças imigrantes, ao se inserirem em um novo contexto sociolinguístico, constroem identidades híbridas, nas quais convivem elementos de sua cultura de origem e da cultura brasileira. A hibridização demonstra a capacidade das crianças de ressignificar suas experiências e criar novas formas de pertencimento, mediadas pelas práticas pedagógicas e pelas relações com colegas e professores. Partindo das contribuições teóricas de autores como Sayad (1998), Hall (2014), Cardozo (2012), entre outros, busca-se compreender a identidade como um processo dinâmico, relacional e historicamente situado, marcado por transitoriedades, negociações e tensões entre culturas de origem e de acolhimento. Ao problematizar conceitos como imigração, reaculturação, diáspora, identificação e identidade cultural, o texto esclarece que a experiência migratória ultrapassa dimensões meramente econômicas ou territoriais, envolvendo profundas implicações simbólicas, afetivas e sociais. Nesse sentido, a escola surge como um espaço central, no qual as identidades das crianças imigrantes são constantemente construídas, negociadas e ressignificadas nas interações cotidianas.

Palavras-chave: Imigração. Crianças. Identidade. Escola.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the construction of cultural identity in migratory contexts, with special attention to the experiences of immigrants and, in particular, immigrant children in the school environment. Immigrant children, upon entering a new sociolinguistic context, construct hybrid identities in which elements of their culture of origin and Brazilian culture coexist. This hybridization demonstrates the children's capacity to re-signify their experiences and create new forms of belonging, mediated by pedagogical practices and relationships with peers and teachers. Based on the theoretical contributions of authors such as Sayad (1998), Hall (2014), Cardozo (2012), among others, this study seeks to understand identity as a dynamic, relational, and historically situated process, marked by transience, negotiation, and tensions between cultures of origin and host cultures. By problematizing concepts such as immigration, reculturation, diaspora, identification, and cultural identity, the text clarifies that the migratory experience transcends merely economic or territorial dimensions, involving profound symbolic, affective, and social implications. In this sense, the school emerges as a central space in which the identities of immigrant children are constantly constructed, negotiated, and re-signified in daily interactions.

Keywords: Immigration. Children. Identity. School.

RESUMEN

Este artículo busca reflexionar sobre la construcción de la identidad cultural en contextos migratorios, con especial atención a las experiencias vividas por los inmigrantes, y en particular, por los niños inmigrantes, en el entorno escolar. Los niños inmigrantes, al integrarse en un nuevo contexto sociolingüístico, construyen identidades híbridas, en las que coexisten elementos de su cultura de origen y la cultura brasileña. Esta hibridación demuestra la capacidad de los niños para resignificar sus experiencias y crear nuevas formas de pertenencia, mediadas por prácticas pedagógicas y relaciones con pares y docentes. Basándose en las contribuciones teóricas de autores como Sayad (1998), Hall (2014), Cardozo (2012), entre otros, este estudio busca comprender la identidad como un proceso dinámico, relacional e históricamente situado, marcado por la transitoriedad, la negociación y las tensiones entre las culturas de origen y las culturas de acogida. Al problematizar conceptos como inmigración, reculturación, diáspora, identificación e identidad cultural, el texto aclara que la experiencia migratoria trasciende las dimensiones meramente económicas o territoriales, con profundas implicaciones simbólicas, afectivas y sociales. En este sentido, la escuela emerge como un espacio central donde las identidades de los niños inmigrantes se construyen, negocian y resignifican constantemente en las interacciones cotidianas.

Palabras clave: Inmigración. Niños. Identidad. Escuela.

1 INTRODUÇÃO

Os fluxos migratórios contemporâneos têm produzido intensas transformações sociais, culturais e educacionais, desafiando instituições e sujeitos a ressignificarem noções tradicionais de pertencimento, identidade e cultura. Em um mundo marcado pela mobilidade humana e pela circulação de pessoas, saberes e línguas, a escola emerge como um dos principais espaços de encontro entre diferenças, tornando-se cenário privilegiado para a construção, negociação e reconfiguração de identidades. Nesse contexto, as crianças imigrantes vivenciam experiências singulares, pois, ao ingressarem em um novo ambiente sociocultural e linguístico, passam a articular referências da cultura de origem com elementos da cultura de acolhimento, produzindo formas híbridas de pertencimento.

A identidade, compreendida como processo dinâmico, relacional e historicamente situado, não se constitui de maneira fixa ou essencializada. Conforme problematizado por Stuart Hall (2014), trata-se de um processo em constante construção, atravessado por discursos, práticas sociais e relações de poder, sempre marcado por negociações, deslocamentos e transformações. Em contextos migratórios, essa dinâmica torna-se ainda mais evidente, pois os sujeitos são interpelados por múltiplas referências culturais e por expectativas sociais que tensionam suas formas de ser e de se reconhecer no mundo.

No caso das crianças imigrantes, tais processos assumem contornos específicos. Inseridas precocemente em instituições escolares do país de acolhida, elas vivenciam desafios linguísticos, culturais e afetivos que impactam diretamente sua constituição identitária. A escola, nesse sentido, pode tanto reforçar experiências de estranhamento e exclusão quanto promover práticas de reconhecimento e valorização da diversidade cultural. As interações cotidianas com colegas, professores e comunidade escolar tornam-se, assim, espaços de mediação simbólica, nos quais se negociam sentidos de pertencimento, diferença e reconhecimento.

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a construção da identidade da criança imigrante nas escolas municipais, analisando como os intercâmbios culturais vivenciados no ambiente educativo contribuem para a formação de identidades híbridas. Parte-se do pressuposto de que a experiência migratória ultrapassa dimensões econômicas ou territoriais, envolvendo implicações simbólicas, afetivas e sociais que se manifestam de modo particular no espaço escolar. Ao articular contribuições teóricas dos Estudos Culturais e das discussões sobre migração e identidade, busca-se compreender a escola como espaço de fronteira cultural, no qual se cruzam histórias, línguas e memórias. Assim, investigar os processos de identificação e pertencimento das crianças imigrantes nas escolas municipais permite ampliar o debate sobre educação, diversidade e inclusão, evidenciando a importância de práticas pedagógicas sensíveis às múltiplas dimensões da experiência migratória.

2 IMIGRAÇÃO E REACULTURAÇÃO

A imigração é frequentemente descrita como uma situação temporária, na qual o imigrante permanece somente o tempo necessário para cumprir funções econômicas específicas. No entanto, muitos imigrantes acabam ficando indefinidamente, estabelecendo raízes na sociedade de destino, mesmo que isso não seja oficialmente reconhecido. Logo, os imigrantes acreditam que retornarão à sua terra natal, e as sociedades de destino agem como se a presença dos imigrantes fosse passageira. Sobre essa condição, Sayad (1998) enfatiza que “um imigrante é essencialmente uma forma de trabalho, e uma forma de trabalho provisória, temporária, em trânsito” (Sayad, 1998, p. 54), mas que é preciso compreender o imigrante além de sua função econômica, o autor argumenta que a imigração é frequentemente percebida de forma reducionista, focando na força de trabalho que o imigrante representa, sem considerar sua humanidade e contexto social.

A visão desumaniza o indivíduo, reduzindo-o a um recurso econômico e ignorando sua identidade, cultura e experiências pessoais. Para Sayad (1998, p. 48) “a primeira definição do imigrante como trabalhador provisório e da imigração como estadia literalmente provisória”. Ambos os conceitos reforçam uma ilusão coletiva de provisoriedade, compartilhada tanto pelo país de origem quanto pelo país de destino, que impede a plena integração do imigrante na sociedade receptora. Melhor dizendo, o imigrante vive em uma situação de transitoriedade constante, não se sente totalmente parte da sociedade de destino nem plenamente conectado à sua terra natal, que muitas vezes já não o reconhece como antes. A condição cria uma identidade fragmentada e uma sensação de não lugar, visto que ele não está mais em seu lugar de origem, nem está plenamente no lugar de acolhimento, que afeta tanto sua vida cotidiana quanto suas interações sociais.

Para a sociedade de destino, o imigrante é tratado como temporário e, portanto, desprovido de direitos plenos. Já para a sociedade de origem, os imigrantes são ausentes temporários que deveriam retornar ao seu lugar original.

Da mesma forma como que se impõe a todos - aos imigrantes, é claro, mas também a sociedade que os recebe, bem como a sociedade da qual provém -, essa contradição fundamental, que parece ser constitutiva da própria condição do imigrante, impõe a todos a manutenção da ilusão coletiva de um estado que não é nem provisório nem permanente, ou, o que dá na mesma, de um estado que só é admitido ora como provisório (de direito), com a condição de que esse ‘provisório’ possa durar indefinidamente, ora como definitivo (de fato), com a condição de que esse ‘definitivo’ jamais seja enunciado como tal. (Sayad, 1998, p. 46, destaque do autor)

Segundo Sayad a visão reducionista das migrações, considera a dimensão do deslocamento de força de trabalho, em contrapartida, se deveria em todo estudo dos fenômenos migratórios levar em conta as condições de origem e as implicações sociais e culturais envolvidas. E não “perceber o imigrante, defini-lo, pensá-lo ou, mais simplesmente, sempre falar dele como de um problema social” (Sayad, 1998, p.56), porque se estaria reforçando estereótipos e preconceitos, dificultando ainda mais

a integração desses indivíduos nas sociedades de acolhimento. Logo, é necessário uma reestruturação, uma reconfiguração cultural pelo qual passam os indivíduos migrantes ao se inserirem em um novo contexto social e cultural, diferente do de origem. Não se trata de uma simples assimilação ou adoção da nova cultura, mas de algo dinâmico e ambíguo, no qual os migrantes negociam entre a preservação de elementos culturais do país de origem e a adaptação aos valores, normas e práticas do país de acolhimento.

a intenção de ‘reabilitar’ os imigrantes, sua cultura de origem (ou o que se considera como tal), sua língua e, podemos acrescentar, como ponto culminante desse paradoxo, todas as iniciativas que se autodenominam ‘reestruturação’, pois elas permitiriam que eles se reencontrassem a si mesmos, que redescobrissem seu país, sua língua, sua religião, que se reconciliassem com suas tradições, sua cultura, etc. (Sayad, 1998, p.62)

A reestruturação é frequentemente marcada por tensões e conflitos, tanto internos quanto externos, já que os migrantes enfrentam pressões para se adaptarem à nova sociedade, enquanto buscam manter vínculos com sua identidade cultural original, o que pode gerar sentimentos de deslocamento, nostalgia e até mesmo crise identitária, pois os migrantes frequentemente se encontram entre dois mundos, sem pertencer completamente a nenhum deles. Além disso, a ideia de que os imigrantes precisam ser reabilitados culturalmente, como se estivessem desconectados ou perdidos em relação às suas raízes, pressupõe que os imigrantes deveriam se distanciar de sua identidade original por conta do processo de migração e da tentativa de integração em um novo contexto cultural.

As iniciativas de reestruturação muitas vezes partem do pressuposto de que o imigrante precisa redescobrir ou reafirmar sua relação com o país de origem, com sua língua e tradições. Para Sayad, isso carrega um tom paternalista, pois assume que o imigrante é incapaz de manter esses elementos por si só ou que eles são essenciais para sua identidade. As iniciativas, embora possam parecer benéficas, muitas vezes ignoram a complexidade da experiência migratória. Os imigrantes não vivem em um estado fixo de pertencimento cultural, eles estão em constante negociação entre o passado, a cultura de origem, e o presente, o novo contexto cultural. Ao tentar reestruturá-los, pode se mesmo sem plena consciência, reforçar que o imigrante está fora de lugar, tanto no país de origem quanto no país de acolhimento. A ideia de reconciliar o imigrante com suas tradições e cultura pressupõe que há uma ruptura que precisa ser reparada, a noção porque ela desconsidera que a própria cultura de origem dos imigrantes não é estática, ela evolui ao longo do tempo e está sujeita às influências do processo migratório.

De maneira geral, Sayad (1998) aponta que tais iniciativas podem ser bem intencionadas, mas muitas vezes não levam em conta a realidade dos imigrantes, que vivem em um espaço híbrido, atravessado por múltiplas identidades e experiências. Em vez de facilitar a reconciliação com a cultura de origem, as iniciativas intensificam que os imigrantes não pertencem completamente nem ao país de

origem, nem ao país de acolhimento. Enfim, ao explorar essas questões, Sayad busca humanizar o imigrante, reconhecendo-o como um ser social completo, com direitos políticos e uma identidade que vai além de sua função econômica. De igual modo, Kawamura (2012) em seus estudos sobre as complexas interações culturais decorrentes da migração, discute a ideia de transitoriedade. Para a autora

grande parte dos migrantes adota a ideia de ‘estar em trânsito’ em sua vivência como migrante [...] onde seus problemas, ansiedades, objetivos e sonhos poderiam ser concretizados. Essa ideia de transitoriedade persiste, ao adiar para um futuro ‘próximo’, os propósitos e as atividades considerados importantes, mas não prementes, como a educação dos filhos, a formação cultural, a qualidade de vida e a busca de algo subjetivo como ‘ser feliz’ (Kawamura, 2012, p. 363).

A ideia de estar em trânsito entre migrantes refere-se a uma percepção psicológica e existencial em que uma pessoa enxerga sua vivência como algo temporário, mesmo que a transitoriedade possa se prolongar indefinidamente. A atitude está profundamente ligada às condições em que vive e às expectativas que nutrem sobre o futuro. “Na migração, ‘ir e vir’ significa viver em trânsito e simultaneamente em dois ou mais lugares, isto é, ‘estar e não estar’ no espaço e no tempo presente” (Kawamura, 2012, p. 363). Os migrantes frequentemente adiam planos e objetivos importantes, considerando que o momento atual (marcado por desafios ou dificuldades) não é ideal para realizar esses propósitos.

A ânsia por ‘juntar dinheiro’, em determinado tempo, no país de destino, para ter uma ‘vida feliz’ em seu país de origem, direciona parte dos migrantes a concentrar-se no trabalho em detrimento da vida social, cultural e psicológica, o que pode gerar consequências prejudiciais, em particular aos filhos (Kawamura, 2012, p. 363, grifo do autor).

Muitas vezes, os migrantes concentram-se na resolução de questões urgentes, como estabilidade financeira, regularização de documentos, e adaptação ao novo ambiente. Sendo que, outros aspectos considerados não urgentes acabam sendo deixados para depois.

a ideia de transitoriedade, temporalidade e adiamento dos objetivos, sonhos e qualidade de vida em ‘um outro lugar’ está presente no imaginário da maioria dos migrantes, constituindo-se em parte intrínseca do processo migratório. Essa perspectiva é condizente com a vivência no mundo de hoje, onde as relações sociais, os objetivos, as condutas e os valores acompanham a dinâmica acelerada das transformações das condições de existência e se torna fácil destacar ou deletar aqueles vínculos e propósitos em um mundo no qual o descartável adquire crescente força (Kawamura, 2012, p. 363 - 364)

Existe uma ideia constante de que, num futuro próximo (que pode ser difícil de definir ou alcançar), será possível realizar esses sonhos ou alcançar uma vida mais satisfatória. A transitoriedade pode causar ansiedade, frustração e um sentimento de incompletude, além disso, pode dificultar uma inserção plena no novo contexto social e cultural, já que os migrantes podem hesitar em criar raízes,

considerando sua estadia algo provisório. Durante o período de migração, os migrantes muitas vezes constroem uma imagem idealizada do lugar de onde vieram, alimentada por lembranças afetivas, pela saudade da família e dos amigos, ou pela sensação de pertencimento cultural.

O almejado retorno ao país de origem pode dissipar os sonhos e as lembranças saudosas dos migrantes em face da realidade 'presente', em que as alegrias da volta e o reencontro com familiares e amigos mesclam-se com a dura realidade da busca de alternativas de vivência. [...] Também no país de origem, a ideia de temporalidade está presente, levando o migrante a viver concomitantemente em dois mundos, esperando realizar seus sonhos e objetivos importantes em 'outro e não neste lugar' (Kawamura, 2012, p. 364)

Quando os migrantes retornam, eles se deparam com a realidade atual do país, o que pode incluir dificuldades econômicas, falta de oportunidades, mudanças sociais ou políticas, e até transformações nas relações familiares e interpessoais. O país de origem pode ter mudado, assim como o próprio migrante, que agora carrega experiências e expectativas diferentes. A necessidade de reconstruir uma vida no país de origem pode ser tão desafiadora quanto à adaptação à vida no exterior. Enfim, o retorno ao país de origem muitas vezes dissolve a visão romantizada que o migrante tinha enquanto estava longe. A realidade do presente, marcada pela necessidade de enfrentar desafios concretos e de se reintegrar ao contexto local, pode ser bem diferente dos sonhos e lembranças saudosas que sustentaram a ideia do retorno.

Um sentimento que mistura alegria e decepção, exigindo um novo ajuste emocional, social e cultural. Se, por um lado, o migrante carrega fragmentos de diferentes lugares, idiomas, costumes e memórias, por outro, ele precisa lidar com choques de valores, expectativas e formas de convivência que nem sempre se encaixam facilmente. Na escola, na comunidade e até na vida familiar, surgem situações em que as referências culturais de origem entram em tensão com as do lugar de acolhida ou de retorno, criando oportunidades de aprendizagem, no entanto de desafios que demandam diálogo, mediação e empatia. Portanto, estar atento a esses encontros e desencontros culturais é fundamental para que a comunidade escolar e a sociedade em geral possam oferecer suporte, criando condições para que migrantes articulem suas diferentes referências culturais de forma mais consciente e fortalecida.

3 CRIANÇAS IMIGRANTES: OS COSMOPOLITAS PRECOCES

A identidade humana constitui-se como complexa, influenciada por fatores históricos, sociais e culturais que permeiam a vida dos sujeitos desde a infância. Nesse percurso, o indivíduo constrói a percepção de si mesmo a partir das interações estabelecidas com o meio social e com os diferentes grupos dos quais participa. Desse modo, é “o ser humano, visto como um ser cultural e social inserido num contexto sócio-histórico, apresenta a identidade como um fenômeno socialmente construído, resultado da dialética entre indivíduo e sociedade, das relações sociais”(Vitti, 2024, p.01). Assim,

compreende-se que a identidade não é estática, mas se transforma continuamente a partir das experiências, vivências e significados produzidos no convívio social.

Nas palavras de Vitti (2024, p.01) “a identidade é o resultado de um processo de construção que ocorre ao longo da vida do sujeito, [...] a construção da identidade pessoal e cultural pode ser entendida como produto das relações sociais”. Em outros termos, a identidade constitui-se de forma dinâmica e contínua, sendo constantemente ressignificada a partir das experiências vividas pelo sujeito nos diferentes contextos sociais dos quais participa. Logo, “a identidade é multifacetada, abrangendo características imutáveis e aspectos ligados à história de vida do sujeito” (Vitti, 2024, p.01). As interações estabelecidas com a família, a escola e a comunidade exercem influência direta, uma vez que é por meio delas que valores, crenças, costumes e modos de agir são compartilhados e internalizados. Portanto, a construção da identidade pessoal e cultural não ocorre de maneira isolada, mas se desenvolve na relação com o outro, evidenciando o papel fundamental do meio social na formação do sujeito e na compreensão de si mesmo enquanto membro de um determinado grupo social e cultural. De mesma forma a identidade, enquanto posições ocupadas em contexto social, “é vista como sendo o modo como os indivíduos se veem ligados a certas estruturas na sociedade, em termos de conhecimento e emoção” (Souza, 2016, p.24). Pode ser melhor exemplificada imaginando uma linha contínua. Nas extremidades tem-se, de um lado os turistas (grupo minoritário) e de outro os nativos (grupo majoritário), mas é no meio desta linha que estariam os cosmopolitas, aqueles que “desejam adotar alguma das características de ambos os grupos” (Souza, 2016, p.23). Nesse sentido, compreende-se que a criança imigrante ora sente-se um turista, rejeitando o envolvimento com a sociedade, ora pela necessidade busca se assimilar ao grupo majoritário, mudando de acordo com o contexto social no qual está inserida. É comum os membros do grupo minoritário se tornarem nativos, já que desejam fazer parte do grupo majoritário.

No entanto, esses indivíduos “abrem mão de algumas das qualidades que os tornam diferentes do grupo majoritário, mas também mantém algumas das suas características originais e, portanto, assimilam sem deixar de se sentir diferente” (Souza, 2016, p.23). Além disso, eles “conseguem participar do grupo majoritário sem serem rapidamente identificados como não-pertencentes devido ao seu envolvimento com a pluralidade das diferentes culturas” (Souza, 2016, p.23). Frente a isso, a criança imigrante, ao aprender a língua local para comunicação, assimila uma característica forte do grupo majoritário, mas ainda se sente diferente e se comporta como um estrangeiro. Mesmo a adaptação às características culturais locais sendo esperada, as crianças reforçam umas para outras que são imigrantes, já que o comportamento de seus colegas é diferente do seu jeito.

É nessa relação, interagindo com outros indivíduos, que o aluno imigrante molda novas características individuais, que farão parte de sua identidade. Pode-se, dessa forma, denominar as crianças imigrantes como cosmopolitas precoces. Para Souza (2016, p.23) há dois tipos de

cosmopolitas: os “precoces (crianças que mudam para uma cultura estrangeira e cuja adaptação à sociedade local é esperada)” e os “expatriados (adultos que escolhem viver no estrangeiro por um período de tempo e envolver-se na sociedade local)” (Souza, 2016, p.23). Nessa linha de raciocínio se compreende, que a escola, enquanto espaço de ensino, aprendizagem e acolhimento terá que interagir positivamente, tanto com a família (cosmopolitas expatriados) quanto com os estudantes (cosmopolitas precoces). Dessa forma, percebe-se quão importante é para a criança imigrante saber interagir com a sociedade majoritária, porém, sem perder suas características culturais de origem, que poderá ser utilizada em diferentes contextos sociais.

É preciso pensar sobre as negociações de identidade, fato que deve ser respeitado na instituição escolar, principalmente pelo professor atuante nesse cenário. Visto que, cabe ao professor segundo Souza (2016, p. 29) “promover um sentimento positivo em relação à identidade dos seus alunos, examinando ostensivamente as suas características e o que elas significam”. Esta pesquisa corrobora justamente ao fato de tentar observar as escolhas linguísticas e as negociações de identidade na sala de aula, perceber quais elementos culturais são usados pelo estudante imigrante para negociar aspectos de sua identidade em uma escola, em que o grupo majoritário, usa predominantemente o português brasileiro.

As crianças podem, segundo Souza (2016, p. 136) “ter três posicionamentos em relação às suas identidades: de herança, multicultural e de aprendiz”. As identidades de herança e multicultural estão relacionadas ao sentimento de pertencimento a um grupo étnico, enquanto a identidade de aprendiz está conectada à maneira como a escola comunitária contribui para o desenvolvimento de uma identidade em contextos de aprendizado. Contudo, o que ocorre na maioria dos casos, é a desvalorização da língua de herança do estudante e a identidade múltipla desse sujeito. Visto que, a dinâmica de inclusão escolar das crianças imigrantes no sistema de ensino brasileiro, não passa por um momento de nivelamento ou fluência em português brasileiro. São considerados apenas sua idade e seriação, as habilidades de compreensão oral e escrita da língua local não são relevantes.

O fato de os estudantes ainda estarem fortemente ligados às heranças culturais de seu país, como características marcantes para sua própria identidade, nas suas escolhas linguísticas e negociações de identidade darão valores diferentes associados ao uso da língua portuguesa e ao uso da língua materna. Em síntese, a identidade é uma grande caixa com cartas, em que “apesar das cartas serem interconectadas, somente aquelas relevantes são tiradas da caixa, de acordo com o contexto e os participantes” (Souza, 2016, p.137). Os elementos culturais que contribuem para a construção da identidade podem ser ora negociados, ora contestados, ora negociáveis. Sendo a escola, o espaço ideal para promover a construção das identidades sociais, pois é ali que as crianças irão interagir com o outro, seja na sua língua de herança ou na nova língua. Dessa forma, compreende-se que a identidade não é algo fixo, mas que vai se formando nas relações, nas trocas e no convívio com outras pessoas,

principalmente no ambiente escolar. A partir dessa ideia, passa-se a entender como a identificação relaciona-se à construção da identidade.

4 IDENTIFICAÇÃO E IDENTIDADE

Os laços intra e extra grupos, as relações construídas dentro de um grupo, como família, comunidade, escola e fora dele, nas interações com outros grupos sociais, definem sentimentos de pertencimento, quem somos nós, e de diferença, quem são os outros. Primeiramente, a identidade envolve a produção de fronteiras simbólicas e materiais, simbólicas quando se expressam em valores, língua, costumes e representações e materiais quando aparecem em práticas concretas, como normas, espaços sociais ou condições de acesso a direitos. Em segundo lugar, mais importante do que a identidade em si é a ideia de identificação, isto é, como indivíduos e grupos constroem, negociam e redefinem continuamente quem são. Por isso, a identidade se torna um tema central de análise e debate, especialmente em contextos marcados pela diversidade cultural e pelas relações de poder. Nas palavras de Menezes (2014, p. 69)

Pensar em identidade, ou identidades, significa refletir sobre os laços intra e extra grupos, o processo de definição de pertencimento e diferença, a produção simbólica e material de fronteiras. Dessa forma, as ciências sociais apresentam a noção de identidade, assim como o processo de identificação, como um dos grandes focos de análise e debate.

A identidade é um tema amplo e controverso, para o qual não existe uma única definição simples, consensual sobre o que ela é, porque a identidade possui múltiplos significados, e pode ser analisada a partir de diferentes perspectivas teóricas e sociais. Segundo Vitti (2024, p.02-03)

A temática da identidade é considerada um campo vasto e polêmico, marcado por polissemias, dentro do qual coexistem, articulam-se e se sobrepõem diferentes aspectos e facetas da identidade: identidade pessoal, identidade social, identidade cultural, identidade nacional, identidade grupal, profissional, corporativa, etc., cujos aspectos ora se destacam, ora se articulam, se sobrepõem e se mesclam, revelando a complexidade do tema.

Essa complexidade é justamente o que torna o tema tão relevante quanto polêmico nos estudos sociais e educacionais. Sendo “o termo identidade [...] de grande importância para a compreensão dos sujeitos e seu posicionamento no mundo e no espaço em que vivem”(Vitti, 2024, p.02), visto que é constantemente construída e reconstruída a partir das relações sociais, dos contextos históricos e das vivências do sujeito. Nessa linha de raciocínio, Stuart Hall, desconstrói as noções tradicionais de identidade ao enfatizar seu caráter fluido, fragmentado e discursivamente construído. O autor questiona o essencialismo das identidades fixas e destaca a historicização e a transformação constante delas. Para Hall (2014, p.106), “a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo

ideal”. Desse modo, a identificação é também dinâmica, estando sempre em processo, o que desafia a percepção naturalista que vê a identidade como um núcleo estável e imutável. Nota-se:

Em contraste com o ‘naturalismo’ dessa definição, a abordagem discursiva vê a identificação como uma construção, - como um processo nunca completado como algo sempre ‘em processo’. Ela não é, nunca, completamente determinada - no sentido de que se pode, sempre, ‘ganhá-la’ ou ‘perdê-la’; no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada (Hall, 2014, p.106, grifos do autor)

Hall descreve a identificação como uma suturação, segundo o autor “a identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção” (Hall, 2014, p.106). Sendo assim nunca alcança uma totalidade, sendo sempre marcada por excessos ou lacunas “há sempre ‘demasiado’ ou ‘muito pouco’ - uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade” (Hall, 2014, p.106). Tal perspectiva sublinha a impossibilidade de uma identidade completamente fixa e a necessidade de entender suas construções a partir de formações históricas e institucionais específicas.

esta concepção de identidade não assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história. Esta concepção não tem como referência aquele segmento do eu que permanece, sempre e já, ‘o mesmo’, idêntico a si mesmo ao longo do tempo (Hall, 2014, p.108, grifos do autor)

Esse é o ponto central do texto, a exclusão da ideia de uma identidade unificada. Na modernidade tardia, Hall argumenta que as identidades se tornam cada vez mais fragmentadas e multifacetadas, fruto de discursos e práticas que frequentemente se cruzam ou entram em conflito.

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (Hall, 2014, p.108)

Assim, uma identidade cultural não pode ser reduzida a um eu coletivo baseado em ancestralidade comum, mas deve ser entendida como uma representação construída através de narrativas históricas, linguísticas e culturais. “As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência” (Hall, 2014, p.108), é como se quem somos hoje estivesse inevitavelmente atrelado a um legado histórico que nos define. Em contrapartida, Hall nos diz que as identidades “têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos” (Hall, 2014, p.109). Por conseguinte, ao invés das identidades serem algo dado e fixo, elas são vistas como algo construído ativamente. A história, a

linguagem e a cultura são ferramentas ou recursos que usamos para moldar e narrar nossas identidades, o foco não é apenas no ser (como uma essência imutável), mas no tornar-se.

Têm a ver não tanto com as questões ‘quem nós somos’ ou ‘de onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios’ (Hall, 2014, p.109, grifos do autor)

As identidades são processos dinâmicos e em constante construção, elas refletem um passado que se perpetua, contudo indicam mudanças, negociações e criações ao longo do tempo. Outro aspecto significativo é a concepção de identidade como um ponto de encontro entre práticas discursivas e subjetividades.

Utilizo o termo ‘identidade’ para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (Hall, 2014, p.111-112, grifos do autor)

Hall (2014) aponta que as identidades são temporárias, moldadas pelas posições de sujeito que os discursos atribuem. Nesse contexto, elas não são meras representações estáticas, mas constantemente reconfigurados, desestabilizados e negociados.

Isto é, as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora ‘sabendo’ (aqui, a linguagem da filosofia da consciência acaba por nos trair), sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma ‘falta’, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas - idênticas aos processos de sujeito que são nelas investidos. (Hall, 2014, p.112, grifos do autor)

As identidades não são escolhas totalmente livres, elas decorrem de posições que o sujeito ocupa em contextos sociais, culturais e históricos. As posições são, de certa forma, impostas ou determinadas pelas estruturas sociais e culturais. Mesmo quando se acredita saber algo sobre a identidade, somos limitados pela linguagem e pela maneira como ela molda nosso pensamento. Para Vitti (2024, p.02-03) “a identidade não é inata e pode ser entendida como uma forma sócio-histórica de individualidade, expressando uma singularidade construída na relação com outros seres humanos”. Sendo assim, as identidades não são a essência ou a verdade absoluta do sujeito, mas construções simbólicas, mediadas por linguagem, cultura e ideologia.

O outro, nesse contexto, refere-se a instância exterior ao sujeito (a sociedade, a cultura, as normas, os significados) que define e regula as possibilidades de identidade. Assim, as identidades são sempre construídas em relação ao outro. Precisamente, é a identidade “um fenômeno social e culturalmente construído e reconstruído, que sofre transformações, ao longo da vida dos sujeitos, mas

que é marcado pela diferença” Vitti (2024, p.05). Portanto, a identidade se forma a partir das relações sociais, das práticas culturais, da linguagem, dos valores e dos contextos históricos nos quais o sujeito está inserido.

Além disso, ocorre continuamente, ao longo da vida, visto que as experiências vividas, as mudanças de contexto, como migração, escolarização, trabalho ou novas relações sociais, influenciam diretamente a forma como o indivíduo se percebe e é percebido pelos outros. Logo, “identidade e diferença, então, caminham juntas, pois ao afirmarmos o que somos, negamos aquilo que não somos” (Vitti, 2024, p.05). Quando um indivíduo ou grupo afirma sua identidade, seja cultural, social, linguística ou nacional, ele o faz a partir de características, valores e práticas que o distinguem de outros grupos, desse modo, a diferença não aparece como algo externo à identidade, mas como um elemento fundamental para sua existência. Só é possível reconhecer uma identidade porque existem outras, distintas dela.

Em resumo, “a identidade é considerada o resultado de um processo de construção que ocorre ao longo da vida do sujeito, passível de negociações e transformações, num contínuo e constante devir, nunca completado” (Vitti, 2024, p.02-03), dessa maneira, deve ser entendida como algo dinâmico, relacional e contingente, em constante construção e transformação, especialmente em um mundo marcado por fluxos culturais e mudanças rápidas. À luz dos conceitos de Hall (2014) que desafiou visões tradicionais de identidade, buscou-se aqui, enfatizar a importância de pensar criticamente sobre o tema, oferecendo uma análise provocativa e essencial para compreender o papel da identidade nos Estudos Culturais e nas ciências humanas em geral. Sua crítica ao essencialismo e sua ênfase na historicidade das identidades convidam refletir sobre o que significa ser em um mundo cada vez mais marcado pela fluidez e transformação.

5 UMA IDENTIDADE IMIGRANTE

Como exposto, Stuart Hall explora a complexidade e a fluidez do conceito de identidade, ele argumenta que as identidades não são fixas, mas sim construídas socialmente e sujeitas a constantes transformações. Para ele, as identidades são formadas no contexto de relações de poder e práticas discursivas, estando sempre em mudança. Além disso, enfatiza que as pessoas possuem múltiplas identidades que se cruzam e se reconfiguram de acordo com os contextos sociais, históricos e culturais. O autor aborda como os movimentos sociais utilizam a identidade como base para a luta por reconhecimento e direitos, alertando para os riscos do essencialismo que pode cristalizar identidades e limitar sua fluidez. Em suma, Hall propõe que a identidade deve ser entendida como algo dinâmico, relacional e contingente, em constante construção e transformação.

Diante do exposto, para fins deste artigo e, embasados nos conceitos de Stuart Hall, busca-se aqui refletir sobre as vivências das crianças imigrantes. A crise da identidade moderna, como Hall

sugere, reflete-se intensamente nas histórias de deslocamento e reconstrução que caracterizam a experiência migratória. A globalização, com suas dinâmicas de fluxo constante, desestabiliza as noções tradicionais de pertencimento e nação. Para os imigrantes, a crise se manifesta na tensão entre as identidades de origem e as demandas de adaptação ao novo contexto social e cultural.

Hall argumenta que a identidade não é fixa nem imutável, mas uma construção social e cultural em constante transformação. Esse aspecto é evidente no cotidiano das crianças imigrantes, que precisam negociar suas identidades entre o passado e o presente, entre as tradições que trazem consigo e as novas práticas culturais com as quais se deparam. Logo, a construção identitária se dá nas interações diárias, nas práticas discursivas que reafirmam ou desafiam a ideia de pertencimento, e na constante tentativa de conciliar memórias e aspirações.

Outro ponto crucial levantado por Hall (2014) é a multiplicidade das identidades. Para as crianças imigrantes, a multiplicidade é particularmente visível, pois são ao mesmo tempo filhos de uma cultura de origem e agentes em uma nova terra, o que frequentemente os posiciona em uma área de interseção entre diferentes histórias, línguas e expectativas. Desse modo, a pluralidade desafia a noção de uma identidade única e essencial, mostrando que os imigrantes não são definidos por um único marcador identitário, mas pela interação de vários fatores contextuais.

As relações de poder desempenham um papel central na definição das identidades migrantes. Muitas vezes, as crianças imigrantes enfrentam a imposição de estereótipos ou identidades que os marginalizam, configurando uma hierarquia de pertencimento. Contudo, a resistência às imposições identitárias se torna uma forma de agência, ao desafiar as narrativas dominantes, as crianças imigrantes reconfiguram suas identidades e reivindicam espaços de reconhecimento e respeito. Por fim, a política de identidade é um aspecto fundamental para entender os movimentos sociais que defendem os direitos dos imigrantes. Esses movimentos frequentemente utilizam a identidade como base para a luta por inclusão e reconhecimento, mas enfrentam o desafio de evitar o essencialismo.

A cristalização de identidades pode limitar sua fluidez, tornando mais difícil acomodar a diversidade que caracteriza os grupos migrantes. Enfim, os conceitos de Stuart Hall oferecem uma perspectiva para analisar a experiência das crianças imigrantes. Sua abordagem desafia visões simplistas e destaca a complexidade, a dinâmica e a política envolvidas na construção de identidades. Nessa mesma linha de raciocínio, Cardozo (2012) em seus estudos sobre a construção de identidades, aborda como imigrantes e seus descendentes negociam suas identidades em um contexto transnacional, mantendo laços culturais e afetivos com o país de origem, ao mesmo tempo em que se adaptam à realidade local.

As formas de identificação e de pertença são cada vez mais híbridas para as comunidades diaspóricas. Dispersa por diferentes lugares do globo, essas comunidades podem usar como fonte de referência identitária não apenas o país onde vive ou onde nasceu, mas também o país onde vive um parente para onde se vai nas férias, ou se tem contato constante. (Cardozo, 2012, p.20)

No trecho Cardozo refere-se à complexidade das identidades e das formas de pertencimento nas comunidades diaspóricas, aquelas compostas por pessoas que se deslocaram de sua terra natal para outros lugares. A ideia de identidade híbrida sugere que as pessoas não possuem uma única referência cultural ou geográfica para se identificarem, em vez disso, a identidade é formada a partir de múltiplas influências que coexistem e se entrelaçam. Para as comunidades diaspóricas, isso é ainda mais evidente, porque sua vivência está dividida entre o lugar onde vivem, suas origens culturais e outras conexões globais. O país onde alguém vive atualmente, local de residência, contribui para a construção de sua identidade por meio das interações sociais, culturais e linguísticas do dia a dia. Por outro lado, o país de origem, local de nascimento ou ancestralidade, oferece outra camada de pertencimento, muitas vezes relacionada a tradições familiares, valores culturais e narrativas históricas. Além disso, outras conexões são possíveis, como o país, em que vivem parentes ou para onde a pessoa viaja frequentemente moldam a identidade, visto que estas experiências podem fortalecer vínculos afetivos e culturais com o lugar.

As comunidades diaspóricas têm maior facilidade para manter contato constante com parentes e amigos em outros países, seja por meio de viagens, redes sociais ou tecnologias de comunicação, o que intensifica o sentimento de pertencimento a mais de uma localidade ou cultura. A pluralidade de identidades é característica das comunidades diaspóricas e reflete como o pertencimento não é algo fixo, mas dinâmico e influenciado por múltiplos contextos e relações.

Pode-se dizer que aquele que vive a diáspora está sempre em conflito entre ser o externo e tentar adequar-se à lealdade nacional. Mas isso sem deixar de ser um estrangeiro, e isso lhe custa caro em situações em que a lealdade é posta em prova. Por consequência, a diáspora não é caracterizada aqui por apenas um deslocamento: as populações saem de seu país de origem para outro país, não estando satisfatória a situação troca de país estrangeiro ou regressam ao país de origem por um tempo e assim sucessivamente. É um posicionamento psicológico, o qual nunca muda devido a situações psicológicas coletivas. É um nunca estar e sempre estar, é construir constantemente redes transnacionais. (Cardozo, 2012, p.28)

A cultura e a identidade cultural de um grupo se tornam mais conscientes e evidentes quando esse grupo entra em contato com outros modos de vida. A interação entre diferentes culturas provoca reflexões, comparações e, eventualmente, transformações culturais. Desse modo, um grupo tende a tomar consciência de sua própria cultura quando entra em confronto ou comparação com outra. Isso ocorre porque os costumes, valores e modos de vida que antes eram vistos como naturais ou óbvios passam a ser percebidos em contraste com outras formas de pensar e viver. O outro funciona como um espelho que reflete as características próprias de um grupo.

um grupo só se dá conta de sua cultura quando ele entra em contato com o outro, quando há confronto ou comparação entre dois, ou mais modos de vida ou de ver a vida. Aí pode ocorrer a construção da identidade cultural, que existe para dizer ao outro de onde um grupo vem, quem é. Os mecanismos de manutenção ou até mesmo as variações da identidade sempre podem promover alterações na cultura, que per se é mutante em termos sociais. (Cardozo, 2012, p.35)

A identidade cultural é uma espécie de narrativa coletiva que define quem somos enquanto grupo, em oposição ou em diálogo com quem são os outros. A construção de identidade muitas vezes envolve destacar elementos específicos da cultura (como língua, tradições, símbolos ou rituais) para afirmar um senso de pertencimento ou para comunicar ao outro de onde o grupo vem. Diante ao exposto, a cultura nunca é estática, mas está em constante transformação porque está diretamente ligada às interações sociais, políticas e econômicas de um grupo. Sendo que, o contato com outras culturas, a globalização e até eventos históricos podem promover mudanças significativas, sem que isso signifique a perda total da identidade.

Para Cardozo (2012, p.35),

as diferenças entre cultura e identidade cultural, então, se justificam no fato de que a identidade se mostra em contextos de diferença, ou seja: se dá conta da identidade, conscientiza sobre a marca cultural da diferença, em contato com outro por meio de imagens vinculadas sobre o eu e o outro. Ao passo que a cultura independe desse contexto de diferença e consciência, esta faz parte das ações no cotidiano de um grupo.

Por conseguinte, o conceito de cultura refere-se ao conjunto de práticas, valores, crenças, tradições, símbolos, linguagem e modos de vida que caracterizam um grupo. Sendo uma de suas características principais o fato de existir no cotidiano, de forma muitas vezes inconsciente, como parte das ações e práticas rotineiras de um grupo. Como por exemplo, o hábito de beber chimarrão no sul do Brasil é uma prática cultural. Para quem vive nesse contexto, isso pode ser somente uma parte do dia a dia, sem reflexão ou questionamento. Além disso, entende-se que a cultura é vívida e reproduzida de maneira natural, sem necessariamente exigir uma reflexão sobre quem somos. Pode ser compartilhado entre os membros de um grupo sem que eles precisem contratá-lo com outro. Já o conceito de identidade cultural refere-se à consciência que um grupo ou indivíduo tem de sua cultura em relação a outro grupo, geralmente em contextos de diferença ou interação.

Uma das principais características da identidade cultural é o fato de ser mais reflexiva e surgir quando há um encontro ou comparação entre nós e eles. É mediada por imagens, representações e narrativas que vinculam a percepção do eu (individual ou coletivo) ao outro. Voltando ao exemplo anterior, uma pessoa que mora no sul do Brasil e viaja para outro país pode tomar consciência de que o chimarrão é algo que diferencia sua cultura de outros lugares. Nesse momento, o ato de beber chimarrão pode se tornar uma marca de identidade cultural. Em síntese, a cultura independe de contato

com o outro, é geralmente vívida de forma inconsciente, está nas práticas cotidianas e modos de vida, organizando a vida social do grupo. É o cotidiano que caracteriza um grupo, sendo muitas vezes não percebida como cultura pelos próprios membros do grupo. Já a identidade cultural surge em contextos de interação ou confronto, requer reflexão e percepção sobre quem somos, são narrativas e símbolos que representam o grupo, afirmando a diferença e o pertencimento diante do outro.

A interação entre identidades culturais diferentes, especialmente em contextos de contato, como ocorre com imigrantes e comunidades locais, pode evidenciar que a identidade é protegida e negociada, ao mesmo tempo em que estabelece limites frente ao outro.

Manter a identidade não impede, assim, a relação entre os diferentes, mas sim introduz limites ou fronteiras que coíbem a aceitação do que julgue ameaça aos seus valores centrais. Esse tipo de relação pode ser verificado entre imigrantes e locais ou mesmo entre outros imigrantes: há constantemente uma delimitação de fronteiras entre o eu e o outro, e claro, aí também ocorrem conflitos, debates, lutas e negociações pelo o que é aceitável e o que é rechaçável para o convívio dentro do eu que venha do outro. Além disso, também há a negociação constante sobre que parte do eu se pode flexibilizar, mostrar, debater e qual parte se deve recolher e proteger do olhar e da presença ameaçadora da mescla que vem do outro (Cardozo, 2012, p.36)

Preservar a identidade cultural significa proteger os valores, costumes e símbolos centrais que definem quem somos enquanto grupo. A preservação é vista como essencial para manter a coesão e o senso de pertencimento, pois os imigrantes podem adotar aspectos da cultura local, como o idioma ou o vestuário, mas podem resistir à assimilação completa, preservando práticas tradicionais como a culinária ou rituais religiosos. Ou ainda, uma comunidade imigrante pode adotar o idioma local no trabalho ou na escola, mas manter sua língua materna em casa ou em celebrações comunitárias. Enfim, a interação entre diferentes culturas leva a uma constante delimitação de fronteiras simbólicas entre o eu, identidade do grupo, e o outro, o que vem de fora. As fronteiras são dinâmicas, sendo reafirmadas ou flexibilizadas conforme o contexto. Nesse cenário as negociações são tentativas de encontrar um equilíbrio entre o que pode ser incorporado ou aceito do outro e o que deve ser protegido ou rejeitado.

Com base em toda a discussão desenvolvida, até aqui, sobre a construção da identidade imigrante, marcada pela tensão entre pertencimento, transitoriedade, encontros e desencontros culturais, e pela necessidade de negociar constantemente elementos da cultura de origem e do país de acolhimento, fica evidente que não se esgota em análises teóricas isoladas. Ao contrário, ele ganha contornos ainda mais complexos quando se observa como essas dinâmicas se expressam nas interações do cotidiano escolar. Desta maneira, encerrando esta parte da reflexão, espera-se ter corroborado para uma compreensão de como as crianças imigrantes vivenciam e ressignificam sua identidade nas relações que estabelecem dentro da escola.

Nesse cenário, a escola municipal assume papel fundamental na mediação desse processo identitário, podendo atuar como espaço de valorização da diversidade cultural ou, ao contrário, de silenciamento das diferenças. Quando as práticas pedagógicas reconhecem as histórias de vida, as

línguas maternas e os saberes culturais das crianças imigrantes, contribuem para a construção de identidades híbridas e positivas, nas quais elementos da cultura de origem e da cultura de acolhimento coexistem de forma complementar. Assim, a experiência escolar revela que a construção da identidade da criança imigrante não se dá de maneira linear ou homogênea, mas como um movimento dinâmico, atravessado por afetos, conflitos e aprendizados, no qual a escola pode se constituir como um espaço potente de inclusão, reconhecimento e fortalecimento identitário.

Em conclusão, a construção da identidade da criança imigrante nas escolas municipais ocorre em meio a um contínuo de adaptação, negociação e ressignificação cultural. Inseridas em um contexto escolar marcado pelo encontro entre diferentes línguas, costumes e modos de vida, as crianças vivenciam a escola como um espaço ambíguo, que pode tanto favorecer o sentimento de pertencimento quanto reforçar experiências de estranhamento. As interações estabelecidas com colegas, professores e demais membros da comunidade escolar influenciam diretamente a forma como as crianças percebem a si mesmas, suas origens e seu lugar no novo contexto social, evidenciando que a identidade se constrói nas relações cotidianas e nas práticas discursivas que atravessam o ambiente escolar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permitiu compreender que a construção da identidade da criança imigrante nas escolas municipais constitui um processo dinâmico, relacional e marcado por múltiplas negociações culturais. Longe de se configurar como algo fixo ou essencial, a identidade revela-se como produção contínua, atravessada por experiências de deslocamento, pertencimento, reconhecimento e, por vezes, tensionamento.

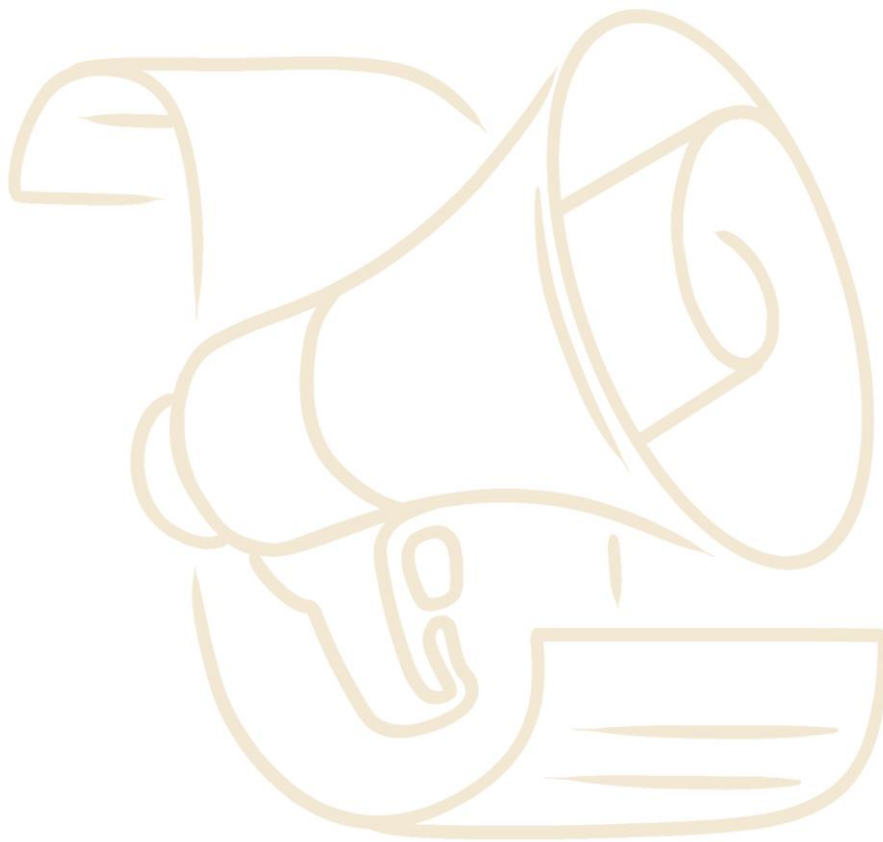
Os intercâmbios culturais vivenciados no ambiente escolar mostram que a escola não é apenas espaço de transmissão de conhecimentos formais, mas também território simbólico de encontros e desencontros culturais. Nesse cenário, as crianças imigrantes constroem sentidos sobre si mesmas a partir das interações estabelecidas com colegas, professores e com a própria instituição. Tais interações podem favorecer processos de acolhimento e valorização da diversidade, mas também podem reforçar experiências de invisibilização ou estranhamento, dependendo das práticas pedagógicas adotadas e das concepções que orientam a comunidade escolar.

À luz das contribuições teóricas de Stuart Hall (2014), observa-se que as identidades dessas crianças assumem caráter híbrido, resultante da articulação entre referências da cultura de origem e elementos da cultura do país de acolhida. De modo complementar, as reflexões de Abdelmalek Sayad ajudam a compreender que a experiência migratória ultrapassa dimensões geográficas, envolvendo implicações sociais, simbólicas e afetivas que incidem diretamente sobre os processos educativos.

Os resultados apontam para a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam a diversidade linguística e cultural como potencial formativo, e não como obstáculo. Nesse sentido,

políticas públicas e formações docentes sensíveis às especificidades da migração tornam-se fundamentais para promover uma educação inclusiva que vá além do discurso e se materialize em ações concretas de acolhimento, escuta e valorização das trajetórias dos estudantes imigrantes.

Por fim, destaca-se que investigar a construção identitária de crianças imigrantes no contexto escolar contribui para ampliar o debate sobre educação, interculturalidade e inclusão, especialmente em escolas municipais, onde os fluxos migratórios recentes demandam novas respostas institucionais. Espera-se que este estudo possa fomentar reflexões e práticas comprometidas com uma escola que reconheça a diferença como dimensão constitutiva da experiência humana e como elemento central na formação de sujeitos críticos e socialmente integrados.



REFERÊNCIAS

CARDOZO, Poliana Fabíula. **O Líbano ausente e o Líbano presente: espaço de identidades de imigrantes libaneses em Foz do Iguaçu.** Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/wp-content/uploads/2017/07/tese-poliana-fabiula-cardozo.pdf>. Acesso em: 22 Jan 2025

HALL, Stuart. **A identidade em questão. In: A identidade cultural na pós-modernidade.** 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Disponível em: https://leiaarqueologia.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf. Acesso em: 23 Jul. 2024.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais.** 15. ed. Petrópolis - Rj: Editora Vozes, 2014. p. 103-133. Disponível em: https://tonaniblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/03/tomaz-tadeu_identidade-e-diferenc3a7a.pdf. Acesso em 21 Jan 2025

KAWAMURA, Lili. **Encontros e desencontros culturais na migração internacional: Brasil-Japão.** In: TEIXEIRA, Paulo Eduardo, BRAGA, Antonio Mendes da Costa. BAENINGER, Rosana (org.). Migrações: implicações passadas, presentes e futuras. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. P. 347 - 369 Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/migracoes2_ebook.pdf. Acesso em: 17 Jan. 2025

MENEZES, Vitor. **Identidade e processos de identificação: um apanhado teórico.** In: Revista Intratextos, 2014, vol 6, no1, p. 68-81. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intratextos/article/download/7106/13992/63018>. Acesso em: 24 jan. 2026.

SAYAD, Abdelmalek. O Que é um Imigrante?. IN: **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade.** São Paulo: Edusp, 1998. Tradução de Cristina Murachco. p. 45-72. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/361921/mod_resource/content/1/Sayad.%20A%20imigra%C3%A7%C3%A3o%20ou%20osparadoxo%20da%20alteridade.pdf. Acesso em: 15 Jan. 2025.

SOUZA, A. **Escolhas linguísticas e negociações de identidades em uma escola comunitária de ensino de português brasileiro.** In: SOUZA, A. (org.) Português como Língua de Herança em Londres: recortes em casa, na igreja e na escola. p. 135-147, Campinas: Pontes, 2016.

SOUZA, A. **Como identidades linguística e cultural são influenciadas pela imigração.** In: SOUZA, A. (org.) Português como Língua de Herança em Londres: recortes em casa, na igreja e na escola. p. 21-30. Campinas: Pontes, 2016.

VITTI, Sylvia Cristina de Azevedo. **Considerações sobre a construção da identidade.** Ciências humanas em perspectiva: Reflexões sobre cultura, sociedade e comportamento. Capítulo 1. abril, 2024. Ponta Grossa - PR. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/consideracoes-sobre-a-construcao-da-identidade>. Acesso em: 24 jan. 2026.